

ÁFRICA DO NORTE NA PERSPECTIVA DOS ANTIGOS ROMANOS*

Regina Maria da Cunha Bustamante^{**}

Resumo: *Desde a República Romana, a África do Norte despertava o interesse dos antigos romanos. A disputa pelo controle do Mediterrâneo Ocidental entre os romanos e os cartagineses levou às Guerras Púnicas entre os séculos III e II a.C. Com a vitória romana, fundou-se a primeira província romana fora do continente europeu, no antigo território cartaginês (atual Tunísia). A partir daí, o domínio romano se estendeu até a costa atlântica. Como os romanos viram esse território e o seu povo? Neste artigo, dois tratados latinos foram escolhidos: a **Guerra de Jugurta**, *Bellum Iugurthinum*, de Sallustius, escrito no século I a.C., e **Corografia**, *De Situ Orbis*, de Pomponius Mela, escrito no século seguinte. As duas obras constituem importantes suportes de informações sobre a África do Norte. Procuramos desvelar as visões de Sallustius e Pomponius Mela sobre a região, identificando e explicando seus interesses, valores e imagens de um lugar tão dispar para os romanos devido a sua natureza e população.*

Palavras-chave: *África do Norte; Roma Antiga.*

Introdução

Atualmente, utilizamos a expressão África do Norte para designar os países localizados na parte setentrional do continente africano junto ao Mar Mediterrâneo, a saber: Marrocos, Argélia, Tunísia, Líbia e Egito.

* Recebido em 13/09/2013 e aceito em 14/10/2013.

** Professora associada de História Antiga do Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Membro do "Laboratório de História Antiga" (Lhia) e do "Laboratório de História do Esporte e do Lazer" (Sport) da UFRJ e do "Laboratório de Estudos sobre o Império Romano" (Leir), que reúne pesquisadores de diversas instituições acadêmicas brasileiras.

Os historiadores da Antiguidade, entretanto, distinguiram o Egito desse conjunto por considerarem que a região ocidental da África do Norte se encontrava separada do território egípcio pelo Deserto da Líbia. Assim, concebiam a região como limitada ao norte pelo Mar Mediterrâneo, ao sul pelo Deserto do Saara, a oeste pelo Atlântico e a leste pelo Deserto da Líbia. Os gregos antigos se referiam genericamente ao território a oeste do Egito como *Libia*.

O termo latino *Africa*¹ originou-se de *Afri*, nome dado pelos romanos a uma das tribos que habitavam o antigo território cartaginês,² atual Tunísia (Mapa 1), onde Roma implantou sua primeira província fora do continente europeu após a derrota dos cartagineses na Terceira Guerra Púnica (149-146 a.C.). Assim, inicialmente, o étnico *Afri* era aplicado apenas às populações submetidas por Cartago.

Mapa 1: PRINCIPAIS ÁREAS TRIBAIS NA ÁFRICA DO NORTE NO PERÍODO ROMANO (RAVEN, 1984, p.XXIX)



Nota: As tribos apresentadas não são necessariamente contemporâneas.

Posteriormente, alguns autores latinos – como Salústio (**Guerra de Jugurta** XVIII) e Plínio, o Velho (**História Natural** VII, 200) – empregaram *Afri* para designar todos os povos da África do Norte. Entretanto, Pomônio Mela (**Corografia** I, 4, 20) utilizou o termo também para designar todo o continente. Dessa forma, os romanos, ao empregarem o termo *Afri*,

obliteravam um passado de domínio cartaginês na região, restringindo a designação *Carthago* apenas à localidade da antiga metrópole púnica e, mesmo assim, seu nome oficial, outorgado pelo imperador Augusto, a submetia plenamente a Roma e a relacionava à dinastia imperial então vigente: *Colonia Iulia Concordia*. Era o esforço augustano de criar a imagem de um império fundamentado não na força bruta, mas no consentimento de todos, inclusive dos conquistados, e no qual cada um teria seu lugar sob a égide romana.

O interesse dos antigos romanos pela *Africa* vem desde antes do Império Romano. Ainda no período da República Romana, houve a disputa pela hegemonia do Mediterrâneo Ocidental entre Roma e Cartago, que levou às denominadas Guerras Púnicas entre os séculos III e II a. C. Com a vitória romana, fundou-se, em 146 a.C., a primeira província romana fora do continente europeu, a *Africa Vetus*, no antigo território cartaginês. A partir daí, o domínio romano foi se expandindo no sentido leste-oeste, até as Colunas de Hércules (Estreito de Gibraltar) e abrangia do litoral mediterrâneo às cadeias montanhosas do Atlas saariano (**Mapa 2**).

Mapa 2: OCUPAÇÃO ROMANA NA ÁFRICA DO NORTE
(BARTON, 1972)



Como os antigos romanos viram esse território e seu povo?

Uma jovem mulher de belas formas, seminua, de pele escura e longos cabelos encaracolados, ricamente ornada com joias de ouro (diadema, brinco, colar, bracelete e pulseira), segurando na mão direita uma oliveira

e, na outra, uma grande presa de marfim, está sentada languidamente sobre uma pequena formação rochosa e tem ao seu redor uma íbis, um elefante e uma tigresa (**Figura 1**) – eis a representação iconográfica da África pelos romanos num mosaico da Praça Armerina, na Sicília, datado do século IV: uma terra bela, exótica, generosa e rica.

Figura 1: ÁFRICA (LEPELLEY, 1979, p. 4)



Será que a representação da África nesse mosaico do século IV também se apresenta nos testemunhos escritos dos romanos quando do início da ocupação da região?

África do Norte: entre potencialidades e estranhamentos

Selecionamos dois tratados romanos para analisar: a **Guerra de Jugurta**⁴ (*Bellum Jugurthinum*) de Caio Salústio Crispo (86-35 a.C.) e **Corografia**⁵ (*De Situ Orbis*) de Pompônio Mela. O primeiro é uma monografia histórica do final da República Romana (aproximadamente último terço do século I a.C.), escrita por um político⁶ partidário de Júlio César, que, por

sua fidelidade ao chefe, foi recompensado com o cargo de procônsul⁷ da África. Tal experiência lhe possibilitou o conhecimento *in loco* da realidade da região:

Ele estava especialmente qualificado para escrever a respeito da guerra jugurtina, pois, além das fontes literárias a seu alcance (as memórias de Sula e a "História" de Sisená), o próprio autor obtivera informações geográficas e etnológicas durante sua estada na Numídia, e mandara traduzir documentos púnicos para seu uso.
(HARVEY, 1987, p.453)

O próprio Salústio (**Guerra de Jugurta XVII**) esclareceu que consultara os habitantes locais e os livros púnicos do rei Hiempsal⁸ traduzidos, para apresentar uma visão sobre o processo de povoamento da região, que se distinguia das tradições até então aceitas pela maioria. O autor teve ainda o cuidado de fazer a ressalva de que não se responsabilizava pelo valor das informações assim obtidas. Após desempenhar o proconsulado da África, Salústio se retirou da vida pública⁹ e, no conforto da sua bela propriedade, os *Horti Sallustiani*, adquirida, segundo se comentava, mediante peculato cometido no exercício da sua função como procônsul, dedicou-se a escrever monografias históricas -¹⁰ dentre elas, **Guerra de Jugurta**.

Salústio seguiu o modelo de Tucídides¹¹ ao escrever um tratado histórico. Em vez de simples anais como fazia a historiografia tradicional romana, Salústio apresentou uma história contínua, esforçando-se por esclarecer as causas dos eventos políticos e a motivação das ações humanas. Interpolava discursos pertinentes à maneira de Tucídides. O seu estilo conciso e elegante foi admirado por Tácito (**Anais III, 30**) e Marcial (**Epigrama XIV, 191**).

A **Guerra de Jugurta** tem como assunto ostensivo uma guerra de sucessão nômada, ocorrida no final do século II a.C. Entretanto, o objetivo real era criticar a venalidade e a incompetência da *nobilitas*¹² romana, que se opusera a Júlio César e acabou por assassiná-lo. Apesar de a obra salustiniana se inserir na política republicana romana, houve por parte do autor a preocupação em apresentar informações geográficas e etnográficas, ainda que nebulosas, sobre a região norte-africana; daí sua relevância para nosso estudo.

Enquanto Salústio oferece uma perspectiva histórica e mais específica sobre a região, a obra de Pompônio Mela, de cunho corográfico, abre

mais o escopo da análise, abrangendo o mundo até então conhecido. Há poucas informações sobre Pompônio Mela. Nascido em Tingêntera, pequena cidade da Bética, na Espanha (POMPÔNIO MELA. **Corografia** II, 6, 96), escreveu o mais antigo tratado latino de geografia (LAURAND, 1921, p.603). Por referências do próprio autor, ele seria contemporâneo do imperador Cláudio (41-54).¹³ Em sua obra, Pompônio Mela apresentou um resumo sobre a Terra e seus três continentes – Europa, África e Ásia –, então sabidos, para posteriormente descrever de forma mais detalhada as regiões adjacentes ao Mediterrâneo, começando pela África do Norte, prosseguindo pelas Espanha, Gália, Germânia, Cítia e Ilhas, chegando até a Índia e o Golfo Pérsico. O autor apresentou uma série de peculiaridades e costumes locais, paisagens, fenômenos naturais, referências à terra natal de homens célebres, campos de batalha, histórias e lendas.

Distintamente do mosaico do século IV, quando a África do Norte se consolidara como um importante “celeiro” de Roma,¹⁴ a região, no início da ocupação romana, apresentava-se sob um aspecto bem menos gentil. Salústio (**Guerra de Jugurta** XVII-XVIII), ao enfatizar as adversidades locais, ressaltou o valor e a superioridade dos romanos, que enfrentavam uma natureza hostil e um povo “primitivo” e “bárbaro”:

Mas como os lugares e os povos são poucos frequentados por causa do calor, da aspereza e dos desertos (...) O mar é violento e sem portos; (...) com penúria de águas, tanto de chuva, como de fonte. (...) Há também muitos animais de espécies daninhas. (...) De princípio, habitaram a África os gétulos e os líbios, selvagens e incultos, cuja alimentação, como para bichos, eram a carne dos animais selvagens e o que a terra dava. Não havia normas, ou autoridade de ninguém que os governasse. [negritos nossos]

O testemunho de Pompônio Mela (**Corografia** I, 4, 21) não se distanciou muito daquele de Salústio:

(...) mas ela [a África] é, em grande parte, desértica, porque, em sua maioria, as terras são pouco suscetíveis de cultura, ou cobertas de areias estéreis, ou desabitadas pela aridez do céu e da terra, ou infestadas de uma multidão de animais malfetores de toda espécie. [negritos nossos]

Era uma terra selvagem, que devia ser domada, domesticada, pela “civilização romana”. Com o decorrer do tempo, a aridez do solo foi em parte mitigada pelos romanos, com a expansão dos trabalhos hidráulicos – herdados dos cartagineses (JULIEN, 1958, p.47), graças aos esforços do exército – e com o sistema natural dos *wadis*.¹⁵ O comércio marítimo externo tornou-se uma importante atividade econômica (TROUSSET, 1992, p.317-332; CLAY, 1992, p.349-360). Os animais selvagens transformaram-se em produto de exportação (MAHJOUBI, 1983, p.499) para os jogos circenses, tão apreciados pelos antigos romanos. A agricultura de cereal e, mais tarde, a da oliveira substituíram no litoral a caça e a coleta, tirando o homem africano da “barbárie” e introduzindo-o na “civilização”. Salústio (**Guerra de Jugurta XVII**) já atentara, em meados do século I a.C., para a potencialidade cerealífera da região e do uso da população local – fisicamente resistente – como mão de obra:

(...) a terra é fértil em cereais, boa para gado, improdutiva quanto a árvores (...). O tipo de homens é de saudável corpo, aguentando trabalho. A maior parte morre de velhice, com exceção dos que morrem por ferro ou fera; doença, de fato, raramente os mata. [negritos nossos]

Essa riqueza agrícola foi reafirmada com Pompônio Mela (**Corografia I, 4, 21 e I, 6, 30**) mais tarde: “Ela [a África] é de uma **fertilidade maravilhosa** nas regiões habitadas (...)” e “Ela [Numídia] é maior que a Mauritània, **melhor cultivada e mais rica**” [negritos nossos]. Entretanto, Pompônio (**Corografia I, 5, 28**) criticou a disposição ao trabalho por parte da população interiorana da Mauritània:

*Para o resto da região [Mauritània] insignificante e não tendo quase sido dotada de algo que fosse notável, compreende apenas pequenas aglomerações, entregues somente a transumância entre pequenos cursos de água, é melhor pelo seu solo que por seus homens, e, devido à **indolência da sua população**, obscura. [negritos nossos]*

Inicialmente, a conquista romana levou à regressão da arboricultura (principalmente, a vinha) praticada pelos cartagineses devido ao domínio italiano do mercado de vinho, que não aceitava concorrência neste setor. Seu cultivo foi permitido apenas nas terras impróprias para a cerealicultura, as terras *subsiciva*. Daí Salústio se referir à inadequação do solo para

árvores (“improdutiva quanto a árvores”). Randsborg (1991, p.129) nos apresenta um quadro síntese com os resultados dos trabalhos de arqueologia subaquática com ânforas de vinho, realizados por Anselmino e sua equipe no porto de Óstia (**Quadro 1**), por onde entravam os produtos de diferentes regiões do Império para Roma. Mesmo que o recorte temporal seja posterior ao período de Salústio, constata-se, ainda, que, na primeira metade do século I (ver a linha de 0 a 5 anos do Quadro 1), a exportação de vinho italiano era significativa (63%), enquanto a norte-africana era nula.

Quadro 1: PERCENTUAIS DE ÂNFORAS DE VINHO DE VÁRIAS PARTES DO IMPÉRIO ROMANO PARA ÓSTIA (RANDSBORG, 1991, p.129)

Período: Anos	Região				
	Itália	Gália	Hispânia	África do Norte	Egeu
0 a 50	63	0	33	0	3
50 a 100	35	41	14	8	1
100 a 150	25	55	6	4	10
150 a 200	34	36	1	9	12
200 a 250	4	19	0	32	45
250 a 400	0	22	0	40	38

A “inadequação” para a arboricultura apontada por Salústio se contrapõe aos testemunhos de outros escritores latinos (COLUMELA. **Da agricultura** I, 13; VARRÃO. **Economia rural** I, 1, 10 e II, 5,18; CICERO. **Orador** I, 249; PLÍNIO, O VELHO. **História Natural** XVIII, 22-23), que citavam a obra atualmente perdida do agrônomo cartaginês Mago, escrita no século III a.C., que forneceu informações acerca do avançado conhecimento agrícola cartaginês (KRINGS, 1996, p.489-582). O **Quadro 1** também nos mostra o aumento expressivo da exportação da produção vinícola norte-africana em detrimento da italiana ao longo do Império Romano.

Na África do Norte, a cerealicultura sempre foi uma atividade benquistada pelos romanos, como constatamos tanto por Salústio quanto por Pomponio Mela. Como região conquistada, o antigo território cartaginês foi obrigado a fornecer, a título de tributo, o trigo, que servia para assegurar o abastecimento da plebe romana. Mais tarde, segundo Plutarco, em **Vida de César** LIV, Júlio César fez questão de propalar os resultados de sua vitória sobre os pompeianos em Tapso: “(...) os países que acabava de conquistar

eram tão extensos, que o povo romano poderia receber deles, todos os anos, duzentos mil medimnos áticos de trigo e três milhões de libras de azeite”. Já durante a sua campanha na região, Júlio César apreendeu trezentos mil alqueires de trigo estocados pelos italianos que viviam em *Thysdrus* e que pediram sua proteção, de acordo com **Guerra da África XXXVI**. A produção cerealífera norte-africana foi importante para sustentar a política do “pão e circo” para a plebe romana, intensificada a partir de Augusto. Com a expansão para o oeste e para o sul, tal produção aumentou em detrimento das atividades de pastoreio transumante das tribos locais, que se viram expropriadas das suas terras e impedidas do seu tradicional nomadismo,¹⁶ situação que gerou revoltas no início do século I, tal como a liderada por Tacfarinas (14-27) (TÁCITO. **Anais** II, 52; III, 32 e 35-36; ver BUSTAMANTE, 2012, p.209-226). Somente no século II, a cultura da vinha e de certas frutas (romãs, peras, marmelos, tâmaras, damascos e figos) puderam se expandir livremente com a nova política do Império, que permitiu a livre iniciativa nas províncias. Vários fatores conjugaram-se para a promoção desse processo: a conquista de novas terras para a produção cerealífera tornou mais leve o encargo do antigo território cartaginês; a crise da produção do vinho e azeite italianos; a política mais liberal de imperadores de origem provincial para com as regiões não italianas; a existência de terras estépicas que eram insatisfatórias para a cerealicultura, mas propícias à arboricultura; e a rentabilidade do comércio de vinho e azeite.

A “civilização romana” venceria a “barbárie líbica”? Na obra de Pomponio Mela (**Corografia** I, 7), escrita pouco menos de um século depois da **Guerra de Jugurta** de Salústio, parecia que sim...

Os povos que as [costas da África] habitam adaptaram-se em todos os pontos aos nossos costumes e nossos hábitos, tanto que somente alguns conservaram sua língua primitiva, assim como aos nossos deuses e ao culto de nossos ancestrais.

As cidades constituíram-se no lugar privilegiado do processo de “romanização”, afetando principalmente a faixa litorânea. Roma incentivou a vida municipal, que serviu como centro de irradiação de sua cultura e de sua dominação política, administrativa, econômica e militar. As comodidades urbanas (água, diversão, mercado, centro administrativo e jurídico, proteção) atraíram as populações circunvizinhas, sedentarizando-as. Concentradas nas cidades, o seu controle e a sua tributação eram mais fáceis.

A aceitação – principalmente pela elite local – dos valores, costumes, religião e língua dos conquistadores – o latim – foi fator de ascensão social. A África tornou-se um viveiro de grandes intelectuais (Lactâncio, Fronto, Tertuliano, Apuleio, São Cipriano e Santo Agostinho) que se expressaram em latim. A religião cívica romana foi uma forma de cristalizar os laços entre Roma e suas províncias (FISHWICK, 1992, p.83-94; SMADJA, 1992, p.95-102; DAREGGI, 1992, p.103-116; LEPELLEY, 1992, p.125-138; DUPUIS, 1992, p.139-152; VITA-EVRARD, 1992, p.159-172).

Esse processo foi denominado pela historiografia moderna de “romanização”. A compreensão sobre o Império Romano pela historiografia europeia do século XVIII a meados do XX foi fortemente influenciada pela própria historiografia antiga romana, reproduzida pelo pensamento humanista clássico e o pós-clássico. Mesmo reconhecendo alguns excessos dos conquistadores, estes foram diluídos em favor do resultado final: a *Pax Romana* – preferível à liberdade na anarquia. Prevalencia a ideia de que uma civilização tinha o direito de conquistar e organizar o mundo, legitimando assim a constituição e a extensão de um império pela força. Ao definir sua própria sociedade como “civilizada” em oposição aos outros “bárbaros”, os autores clássicos proporcionaram um poderoso instrumento interpretativo que ajudou a legitimar o imperialismo europeu na África e na Ásia através de uma historiografia de viés colonial. Quanto às regiões “conquistadas”, estas permaneciam à margem da história efetiva, como meros sujeitos / súditos, cuja única opção era integrar-se ao império, seja adotando os hábitos de uma civilização superior – ou seja, “romanizando-se” – seja integrando-se, pela via do comércio, à dinâmica imperial.

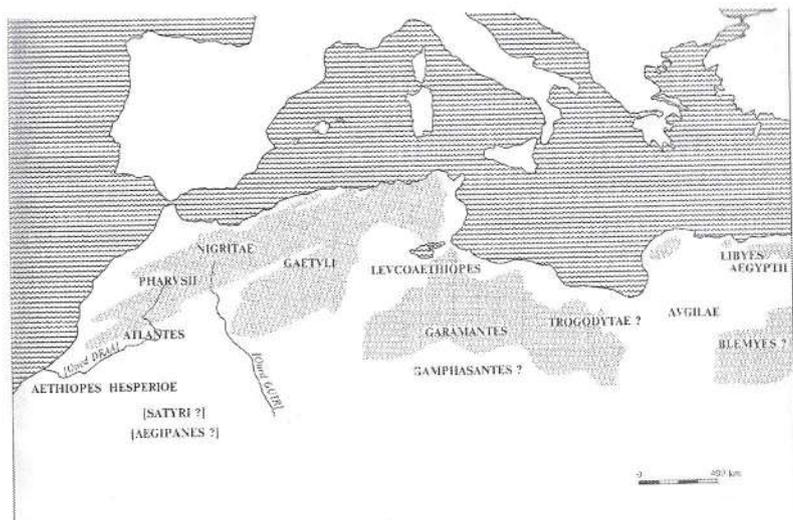
A perspectiva “romano-centrista” começou a sofrer profundos questionamentos a partir do processo de descolonização da África e da Ásia, e da perda da centralidade da Europa em termos mundiais. Desenvolveu-se uma historiografia de viés pós-colonial, caracterizada pela crítica da “romanização” como processo pacífico, que ressaltava as resistências enfrentadas pelo Império contra diferentes populações. Dessa crítica, resultou uma maior atenção para as realidades locais e a necessidade, até então pouco explorada, de explicar o próprio fato da manutenção e permanência do Império por longos séculos (ver: WEBSTER e COOPER, 1996; MATTINGLY, 1997; HUSKINSON, 2000; BUSTAMANTE, 2006, p.109-136; HINGLEY, 2010).

Pompônio Mela (**Corografia** I, 4, 22-24) identifica uma variedade de povos habitando o interior norte-africano:

O resto é ocupado pelos nômadas e mauros, mas os mauros estão também voltados para o Atlântico. Além, estão os nigrítas e os farusianos até os etiopes. Estes ocupam o resto desta costa assim como toda costa que se estende em direção ao sul até os confins da Ásia. Por outro lado, abaixo das terras banhadas pelo Mar Líbico se encontram os libios egípcios, os leucoetiopes e o povo numeroso e diverso dos getulos. Em seguida, se estende, numa única extensão, uma vasta região desértica inabitável. Depois, os primeiros povos, que se encontram, são, dizem-nos, no oriente, os garamantes, após os augiles e os trogloditas, e, por últimos, os atlantes. No interior, aqui acredita quem quiser, seres que não são ainda homens e sendo estas criaturas semibestiais, os egipanos, blêmios, ganfasantes e sátiros, sem fogo nem lugar, vagando aventureiramente, ocupam estes territórios, que eles não os habitam. Eis a imagem geral de nossa terra, em suas partes principais, eis a configuração e as populações destas partes.

Na edição da obra de Pompônia Mela, a editora francesa *Les Belles Lettres* apresentou um mapa elaborado a partir dessa descrição (**Mapa 3**):

Mapa 3: TRIBOS DA ÁFRICA SEGUNDO POMPÔNIO MELA (SILBERMAN, 1988, Carte 3 – hors texte)



Essa diversidade populacional norte-africana já fora apresentada anteriormente por Heródoto,¹⁷ que, para simplificá-la, agrupou-a em duas grandes categorias: *autóctones* (compostos de líbios ao norte e etíopes ao sul) e *alienígenas*¹⁸ (fenícios e helenos):

São esses [adirmaquidas, giligamas, asbistas, ausquisasbácalos, nasamones, psilos, garamantes, macas, gindanes, lotófagos, máclios, áuses, amônios, atarantes, atlantes, máxies, záuceos, , gizantes e carquedônios¹⁹] os líbios cujos nomes podemos dar; a maioria deles não se preocupa atualmente com o rei dos medos e não se preocupava de forma alguma antes. Tenho a dizer ainda sobre esse território que ele é ocupado por quatro povos, e, não mais, até onde vai o meu conhecimento. Dois deles são autóctones e dois não o são; os líbios e os etíopes são autóctones, e os primeiros habitam o norte, enquanto os outros habitam o sul da Líbia; os fenícios e os helenos são alienígenas. [negritos nossos] (HERÓDOTO. História IV, 197)

Observamos que, como Heródoto escreveu no século V a.C. – portanto, bem antes da expansão romana no Mediterrâneo –, os romanos não poderiam, assim, ser citados como “alienígenas”, como o foram os fenícios e helenos.

Salústio também corrobora com a diversidade populacional. Baseando-se nos livros púnicos de autoria creditada ao rei Hiempsal e nos conhecimentos dos habitantes locais, ele (**Guerra de Jugurta XVIII**) relatou que os povos que posteriormente se instalaram na região litorânea norte-africana, eram oriundos do exército de Hércules, disperso após a sua morte na Espanha. Parte dos seus homens, de origem persa, ocupou as terras a oeste; gradativamente se miscigenaram com a população local, os getulos, e adotaram uma vida nômade percorrendo o interior da região próxima ao deserto. Crescendo em número, esses nômades, conhecidos então como nômadas, separaram-se e apoderaram-se das terras orientais vizinhas a Cartago, que passaram a se chamar Numídia. Congregando outras tribos locais por força das armas e da intimidação, os nômadas conquistaram a maior parte da baixa África. A outra parte do exército de Hércules, composta por medos e armênios, juntou-se aos líbios, que se fixaram no litoral mediterrâneo. Eles fundaram cidades fortificadas e estabeleceram relações comerciais com a Espanha, da qual estavam somente separados pelo Estreito

to de Gibraltar. Foram denominados de mouros, corruptela líbia de medos. Por último, chegaram os fenícios que, impulsionados pelo crescimento demográfico e pela ambição de poder, fundaram várias cidades, como *Hippo Regius*, *Hadrumetum*, *Lepcis Magna* e Cartago, dentre outras. Assim, para Salústio, os povos norte-africanos conhecidos na Antiguidade eram três: os *mauros*, que viveram entre a costa atlântica e o rio Muluca e se expandiram até o rio Chelif, formando a Mauritânia; os *númidas*, que ocuparam a região entre a Mauritânia e a fronteira ocidental do território continental cartaginês, denominada de Numídia; e os *getulos*, que habitaram os limites setentrionais do Saara. Os dois primeiros grupos foram predominantemente agropastoris seminômades, embora já existissem áreas de vida sedentária e de agricultura regular, e o terceiro viveu da caça e do pastoreio nômade. O que fica evidente na narração de Salústio é a diversidade das populações norte-africanas na Antiguidade, pois havia a necessidade de lhes atribuir origens diferentes.

Modernamente, Desanges (1983, p.436) reuniu as numerosas tribos norte-africanas em dois grandes grupos: *libico-berberes* (mouros e númidas no litoral e getulos nos planaltos) e *saarianos* brancos ou mestiços da orla do deserto (farúsios, nigritas ou garamantes, “etíopes” espalhados por toda a região entre o Sous e o Djerid). A diversidade de povos, já apresentada pelos antigos, é atualmente defendida frente ao tradicional uso de termos genéricos como “berberes” ou “indígenas”. Tais termos, ao materializaram a unidade,²⁰ ao menos parcial, de uma população face ao elemento externo, mascaram excessivamente as nuances internas das populações norte-africanas, ou seja, a complexidade social da região, e presumem uma continuidade cultural desde a Antiguidade até o presente. A ideia de permanências caracterizaria um mundo “indígena” imutável e impermeável às ocupações sucessivas, além de construir uma massa “indígena” homogênea. A atual tendência historiográfica pós-colonial sobre a África do Norte visa construir uma identidade histórico-cultural africana que se contrapõe à historiografia tradicional que, influenciada pela visão colonial europeia do século XIX e início do XX, procurava enfatizar as “benesses das civilizações” para esta região “bárbara” e silenciava-se sobre a história das populações locais.

No início da década de 1980, a UNESCO criou o Comitê Científico Internacional para a Redação de uma **História Geral da África**. Esta foi elaborada a partir da perspectiva dos próprios africanos,²¹ procurando construir uma historiografia livre de estereótipos e do olhar estrangeiro. Em seu

segundo volume (“A África Antiga”), apenas um pequeno capítulo foi consagrado aos denominados “protoberberes”, habitantes da África do Norte. Por isso, o Comitê Científico Internacional se sentiu compelido a fazer uma nota de esclarecimento:

Na próxima edição, pretende-se fazer um relato mais preciso do legado e do papel da Líbia durante o período abordado neste volume. Está previsto um simpósio que tratará da contribuição da Líbia na Antiguidade Clássica, com referência especial ao papel da Cirenaica durante o período helenístico, da Líbia no período fenício e da civilização dos garamantes. (MOKHTAR, 1983, p.472)

Infelizmente, 30 anos depois – na edição disponível na internet, em 2010, da **História Geral da África** da Unesco –,²² o texto permanece o mesmo, apesar do aumento de três páginas em função da diagramação. Isso porque a obra original traduzida é ainda a do início da década de 1980. Lastimavelmente, na parte dos “protoberberes” não houve revisão na segunda edição brasileira do volume.

A descolonização dos países africanos veio acompanhada de uma determinação de tomar em mãos a sua rica e complexa herança cultural: “descolonizar” a história, “reescrevê-la”, resgatar “a memória de suas origens”. Fazendo alusão ao Labirinto e ao Minotauro, Ennaifer (*Apuđ*: LAMIRANDE, 1976, p.9) acredita que: “Não é suficiente matar o monstro. É necessário saber se achar”. Neste embate, os escritos latinos como os de Salústio e de Pompônio Mela devem ser trabalhados, o que demanda a compreensão tanto do seu contexto de produção (para não cometer anacronismos) quanto das suas apropriações pelas diferentes perspectivas historiográficas modernas.

De acordo com esses dois autores, enquanto o litoral norte-africano aceitou a “civilização”, a região interiorana era refratária. Sendo de pouco valor econômico para os antigos romanos pelo seu clima seco e relevo montanhoso, o interior continuou “selvagem e bárbaro”: vivendo do pastoreio e da caça, de maneira nômade, “desorganizada e imoral”.

*Sabemos que, para além da Numídia, vivem os **getulos**, parte em cabanas e, parte, mais bravía, vagueando, que estão, depois deles, os **etíopes**, e em seguida os lugares abrasados pelo ardor do sol.* [negritos nossos] (*SALÚSTIO. Guerra de Jugurta XIX*)

“(…) no interior não tem cidades, mas fazem um tipo de residência que se chama mapales (cabanas; casebres)²³; **sua maneira de viver é violenta e imunda**. Os chefes da nação se cobrem de sarjas de lã, e o resto do povo de **peles de bestas fulvas ou daqueles seus trapos; eles não têm outra cama nem outra mesa que a terra; (...) eles comem somente carne, e o mais frequentemente de animais ferozes**: pois, tanto quanto podem, eles não tocam em seus rebanhos, que são sua única riqueza. Além disso, são **homens ainda mais grosseiros, que seguem ao acaso seus rebanhos nas pastagens, (...)**. Embora distribuídos em família esparsas, sem leis, sem interesse comum que os reunisse, (...). Entre os povos que existem, diz-se, além dos desertos, estão os atlantes, que **amaldiçoam o sol** ao acordar e ao dormir, como um astro funesto aos habitantes e ao país. (...) e **não tem sonhos durante seu sono, como os outros homens**. Os trogloditas **não possuem nada**; sua voz é menos que sons articulados, apenas gritos agudos; eles **habitam em cavernas e se alimentam de serpentes**. (...) Nenhum deles [garamantes] **tem uma esposa particular**, e, entre as crianças que nascem desta **promiscuidade**, a filiação se regula sobre a semelhança. Os augilas **não conhecem outros deuses que os manes**; (...) quando eles lhes dirigem algum voto, eles se **deitam sobre as tumbas e tomam por respostas os sonhos que eles tiveram durante o sono**. Seguindo um costume solene, suas **mulheres são deixadas na primeira noite de suas núpcias com todos aqueles que lhes trazem presentes, e, quanto maior é o número deles, mais orgulhosas elas ficam**; de resto, uma vez quites com o hábito, elas são de uma **rara [sic] castidade**. Os ganfasantes **andam nus, e não conhecem o uso das armas**, seja para se defenderem seja para atacar: é por isto que eles fogem ao encontrar outros homens, e que eles têm somente **comércio ou conversação com os de mesma natureza**.” [negritos nossos] (POMPÔNIO MELA. Corografia I, 7)

Quanto mais para o interior e menos conhecida a região, maior era a imaginação de Pompônio Mela ao descrever seus habitantes, chegando até a deformidade, não apenas moral, como acima descrita, mas também física: “Os blêmios **não têm cabeça: seu rosto é sobre seu peito**. Os sátiros têm de humano somente a figura. Os egipanos têm a forma que se lhes atribui.” [negrito nosso] E concluiu, advertindo: “Eis o que resguarda a África”.

Conclusão

As duas obras analisadas constituem importantes suportes de informações sobre a África do Norte na Antiguidade. Apresentam uma visão dos antigos romanos que conjuga uma avaliação das possibilidades de exploração das riquezas dessa terra e dos seus habitantes com suposições fantasiosas sobre eles quanto mais para o interior se referem os textos, pela falta de informação direta acerca da região. Assim, se o mosaico do século IV nos fornece uma visão idílica da África do Norte, por outro lado podemos imaginar, graças aos documentos escritos, como seria um mosaico do final da República e início do Império Romano: apresentaria certo “estranhamento” – os perigos, temores e adversidades dessa terra tão exótica quanto desconhecida, que atraía por sua potencialidade econômica e ao mesmo tempo repelia os antigos romanos por sua natureza hostil e pela população de costumes e aparência estranhos. Ao enfatizar as peculiaridades da África do Norte e dos seus habitantes, os conquistadores reafirmavam sua identidade e a superioridade da própria cultura: os benefícios da “civilização romana” em contraste com o atraso e a selvageria da “barbárie africana”, o que justificava o domínio da região. O colonialismo de fins do século XIX e início do XX se apropriou desse discurso e, infelizmente, no senso comum, é essa imagem estereotipada que ainda prevalece na contemporaneidade. Através da análise comparativa dos dois tratados, identificaram-se permanências e transformações em relação ao olhar romano acerca da região da África do Norte, que estavam fundamentadas nas posições e interesses dos diferentes atores sociais a partir das suas realidades históricas específicas.

AFRIQUE DU NORD DANS LA PERSPECTIVE DES ANTIQUES ROMAINS

Résumé: Depuis la République Romaine, l'Afrique du Nord a toujours éveillé l'intérêt des antiques romains. La dispute pour le contrôle de la Méditerranée Occidentale entre les romains et les carthaginois a provoqué les Guerres Puniqes pendant les II^e et III^e siècles av. J.-C. Avec la victoire, on a fondé la première province romaine hors du continent européen, dans l'ancien territoire carthaginois (actuelle Tunisie). À partir de là, le domaine romain s'est répandu jusqu'à côte atlantique. Comment les romains ont-ils envisagé ce territoire et ce peuple ? Dans cet article, on a choisi deux traités latines: la *Guerre de Jugurtha*, *Bellum Iugurthinum*, d'après Sallustius, écrit

au I^{er} siècle av. J.-C., et *Chorographie, De Situ Orbis, d'après Pomponius Mela, écrit au siècle suivant. Les deux oeuvres analysées se constituent en importants soutiens d'informations sur l'Afrique du Nord. Nous avons cherché à dévoiler les visions de Sallustius et Pomponius Mela sur la région nord-africaine, en identifiant et en expliquant ses intérêts et valeurs et les images autour de cette région, si divergente, pour les romains, dans sa nature et population.*

Mots-clé: Afrique du Nord; Rome Antique.

Documentos escritos

- ACTES DE LA CONFÉRENCE DE CARTHAGE EN 411. Trad. S. Lancel. Paris: Éditions du Cerf, 1973. (Collection Sources Chrétiennes 195)
- CÉSAR. **Guerre d'Afrique.** Trad. A. Bouvet. Paris: Les Belles Lettres, 1949. (Coll. des Universités de France)
- CICERO. **De l'orateur.** Trad. E. Courbaud, H. Bornecque. 6.ed. Paris: Les Belles Lettres, 1967. (Collection des Universités de France)
- COLUMELA. **Los doce libros de agricultura.** Trad. C. J. Castro. Barcelona: Iberia, 1959.
- EXPOSITIO TOTIUS MUNDI.* Trad. R. Rougé. Paris: Éditions du Cerf, 1968. (Collection Sources Chrétiennes 124)
- HERÓDOTO. **História.** Trad. M. da G. Kury. Brasília, DF: Ed. UnB, 1985. (Col. Biblioteca Clássica UnB, 8)
- LACTANTIUS, Caecilius Firmianus. De la mort des persécuteurs.* Trad. P. Moreau. Paris: Éditions du Cerf, 1937. (Collection Sources Chrétiennes 39)
- MARTIALIS, Marcus Valerius. Epigrams.* Trans. W. M. Lindsay. Oxford: Clarendon Press, 1902.
- MELA, Pomponius. Chorographie.* Trad. A. Silberman. Paris: Les Belles Lettres, 1988. (Collection des Universités de France)
- PLINE L'ANCIEN. **Histoire Naturelle.** Trad. J. Beaujeu *et alii.* Paris: Les Belles Lettres, 1947. (Collection des Universités de France)
- PLUTARCO. **Vidas Paralelas.** 5 v. Trad. G. C. Cardoso. São Paulo: Paumapé 1991-1995. (Col. Biblioteca de História, 4)
- SALLUSTIUS, Gaius Crispus. Guerra de Jugurta. In: _____ . Obra Completa.* Trad. Agostinho da Silva. Lisboa: Livros Horizonte, 1974, p.71-185. (Dir. Joel Serrão, Coleção Horizonte Clássicos 2)

TACITUS, *Cornelius. Annales*. t. 1. Trad. H. Goelzer. 5.ed. Paris: Belles Lettres, 1962. (Collection des Universités de France)

VARRON. *L'Économie Rurale*. Trad. X. Russelot. Paris: Panckoucke, 1843.

Bibliografia

ACTES DU COLLOQUE ORGANISÉ PAR L'ÉCOLE FRANÇAISE DE ROME SOUS LE PATRONAGE DE L'INSTITUT NATIONAL D'ARCHÉOLOGIE ET D'ART DE TUNIS. Rome, 3-5 décembre 1987. **L'Afrique dans l'Occident Romain** (I^{er} siècle av. J.-C. – IV^e siècle ap. J.-C.). Rome: École Française de Rome, 1990. (Collection de l'École Française de Rome 134)

BARTON, I. M. *Africa in the Roman Empire*. Accra: Ghana Universities Press, 1972.

BOISSIER, G. *L'Afrique Romaine*; promenade archéologiques en Algérie et en Tunisie. 6. ed. Paris: Hachette, 1901.

BOWDER, D. **Quem foi quem na Roma Antiga**. São Paulo: Art Editora – Círculo do Livro, s/d.

BUSTAMANTE, R. M. da C. Batalha naval de *Mylae* (260 a.C.), o início da conquista do *mare nostrum* romano In: VIDIGAL, A. *et alii* (Org.). **Guerra no mar**; batalhas e campanhas navais que mudaram a História. Rio de Janeiro: Record, 2008, p.37-61.

_____. *Bellum Iustum* e a Revolta de Tacfarinas. In: CARVALHO, M. M. de C.; FUNARI, P. P. A.; CARLAN, C. U.; SILVA, É. C. M. da (Org.). **História militar do mundo antigo**: guerras e representações. v. 2. São Paulo: Annablume / Fapesp / Unicamp, 2012, p.209-226.

_____. O Império Cartaginês: a luta pela hegemonia no Mediterrâneo Ocidental. In: SILVA, F. C. T. da *et alii* (Org.). **Impérios na História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009, p.15-26.

_____. *Práticas culturais no Império Romano: entre a unidade e a diversidade*. In: MENDES, N. M.; SILVA, G. V. da (Org.). **Repensando o Império Romano**; perspectiva socioeconômica, política e cultural. Rio de Janeiro – Vitória: Mauad – Edufes, 2006, p.109-136.

CLAY, Teresa. Carthage et son commerce maritime dans l'Antiquité tardive. In: ACTES DU V^e COLLOQUE INTERNATIONAL SUR L'HISTOIRE ET L'ARCHÉOLOGIE DE L'AFRIQUE DU NORD (Avignon, 9 -13 avril 1990).

Afrique du Nord Antique et Médiévale: spectacles, vie portuaire, religions. Paris: Comité des Travaux Historiques et Scientifiques, 1992, p. 349-360.

DAREGGI, G. Un témoin monumental du culte impérial de l'époque de Domitien à *Leptis Magna*. In: ACTES DU V^e COLLOQUE INTERNATIONAL SUR L'HISTOIRE ET L'ARCHÉOLOGIE DE L'AFRIQUE DU NORD (Avignon, 9-13 avril 1990). **Afrique du Nord Antique et Médiévale:** spectacles, vie portuaire, religions. Paris: Comité des Travaux Historiques et Scientifiques, 1992, p.103-116.

DECRET, F.; FANTAR, M. **L'Afrique du Nord dans l'Antiquité** : histoire et civilisation (des origines au V^e siècle). 2. ed. Paris: Payot, 1998.

DESANGES, J. Os protoberberes. In: MOKHTAR, G. (Ed.) **História Geral da África**. v. 2. Trad. C. H. Davidoff *et alii*. São Paulo – Paris: Ática – Unesco, 1983, p.429-447.

DRECRET, F. **Carthage ou l'empire de la mère**. Paris: Éditions du Seuil, 1977.

DUPUIS, X. Les pontifes et les augures dans les cités africaines au Bas-Empire. In: ACTES DU V^e COLLOQUE INTERNATIONAL SUR L'HISTOIRE ET L'ARCHÉOLOGIE DE L'AFRIQUE DU NORD (Avignon, 9-13 avril 1990). **Afrique du Nord Antique et Médiévale:** spectacles, vie portuaire, religions. Paris: Comité des Travaux Historiques et Scientifiques, 1992, p.139-152.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 7.0. 5. ed. s/l: Positivo Informática**, 2010.

FÉVRIER, P.-A. **Approches du Maghreb Romain**; pouvoirs, différences et conflits. 2 t. Aix-en-Provence: ÉDISUD, 1989 / 1990.

FISHWICK, D. Le *Numen* impérial en Afrique Romaine; In: ACTES DU V^e COLLOQUE INTERNATIONAL SUR L'HISTOIRE ET L'ARCHÉOLOGIE DE L'AFRIQUE DU NORD (Avignon, 9-13 avril 1990). **Afrique du Nord Antique et Médiévale:** spectacles, vie portuaire, religions. Paris: Comité des Travaux Historiques et Scientifiques, 1992, p.83-94.

GAID, M. **Aguellids et Romains en Berbérie**. Argel: SNED, 1972.

GARRAFFONI, R. S. Guerras Púnicas. In: MAGNOLI, D. (Org.) **História das guerras**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006, p.47-75.

GREENE, K. **The Archaeology of the Roman Economy**. London: B. T. Batsford, 1986.

HARRIS, W. V. **Guerra e imperialismo en la Roma republicana (327-70 a.C.)**. Madrid: Siglo XXI, 1989.

- HARVEY, P. **Dicionário Oxford de Literatura Clássica**. Trad. Mário Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.
- HINGLEY, R. **O imperialismo romano**. São Paulo: Annablume, 2010.
- HUSKINSON, J. (Ed.) **Experiencing Rome**; culture, identity and power in the Roman Empire. London: Routledge / Open University, 2000.
- JULIEN, C.-A. **Histoire de l'Afrique**; des origines à 1945. Paris: Presses Universitaires de France, 1958. (Collection Que sais-je ? 4)
- KRINGS, V.; DEVILLERS, O. Autour de l'agronome Magon. ATTI DEL'XI CONVEGNO DI STUDIO (Cartagine, 15-18 dicembre 1994). **L'Africa Romana**. Ozieri: Ed. Il Torchetto, 1996, p.489-582.
- LAMBOLEY, J.-L. **Lexique d'histoire et de civilisation romaines**. Paris: Ellipses, 1995.
- LAMIRANDE, É. Nords-africaines en quête de leur passé; coups d'oeil sur la période romaine chrétienne. **Revue de l'Université d'Ottawa** 46 (1), p. 5-23, 1976.
- LAURAND, L. **Manuel des Études Grecques et Latines**. Paris: Auguste Picard, 1921.
- LEPELLEY, C. **Les cités de l'Afrique Romaine au Bas Empire**. t. 1: La permanence d'une civilisation municipale. Paris: Études Augustiniennes, 1979.
- _____. Une forme religieuse du patriotisme municipal: le culte du Génie de la cité dans l'Afrique romaine. In: ACTES DU V^e COLLOQUE INTERNATIONAL SUR L'HISTOIRE ET L'ARCHÉOLOGIE DE L'AFRIQUE DU NORD (Avignon, 9-13 avril 1990). **Afrique du Nord Antique et Médiévale**: spectacles, vie portuaire, religions. Paris: Comité des Travaux Historiques et Scientifiques, 1992, p.125-138.
- MAHJOUBI, A. O período romano e pós-romano na África do Norte. I. O período romano. In: MOKHTAR, G. (Ed.) **História Geral da África**. v. 2: A África Antiga. São Paulo – Paris: Ática – UNESCO, 1983, p.473-509.
- MANTON, E. L. **Roman North Africa**. London: Seaby, 1988.
- MATTINGLY, D. J. (Ed.) **Dialogues in Roman Imperialism**; power, discourse, and discrepant experience in the Roman Empire. Portsmouth: Journal of Roman Archaeology, 1997. (Supplementary Series, 23)
- RANDBORG, K. **The millennium AD in Europe and Mediterranean**; an archaeological essay. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- RAVEN, S. **Rome in Africa**. 2. ed. London – New York: Longman, 1984.

SILBERMAN, A. Introduction; Notes complémentaires. In: *MELA, Pomponius. Chorographie*. Trad. A. Silberman. Paris: Les Belles Lettres, 1988, p.VII-LIV e 97-324. (Collection des Universités de France)

SMADJA, E. Le *Numen* impérial en Afrique du Nord sous le Haut-Empire. À propos d'une inscription de *Mustis*. In: ACTES DU V^e COLLOQUE INTERNATIONAL SUR L'HISTOIRE ET L'ARCHÉOLOGIE DE L'AFRIQUE DU NORD (Avignon, 9-13 avril 1990). **Afrique du Nord Antique et Médiévale**: spectacles, vie portuaire, religions. Paris: Comité des Travaux Historiques et Scientifiques, 1992, p.95-102.

TROUSSET, P. La vie littorale et les ports dans la Petite Syrte à l'époque romaine. In: ACTES DU V^e COLLOQUE INTERNATIONAL SUR L'HISTOIRE ET L'ARCHÉOLOGIE DE L'AFRIQUE DU NORD (Avignon, 9 -13 avril 1990). **Afrique du Nord Antique et Médiévale**: spectacles, vie portuaire, religions. Paris: Comité des Travaux Historiques et Scientifiques, 1992, p.317-332.

VITA-EVRARD, G. di. Un champion du paganisme officiel: le gouverneur *Flo-rus*. In: ACTES DU V^e COLLOQUE INTERNATIONAL SUR L'HISTOIRE ET L'ARCHÉOLOGIE DE L'AFRIQUE DU NORD (Avignon, 9-13 avril 1990). **Afrique du Nord Antique et Médiévale**: spectacles, vie portuaire, religions. Paris: Comité des Travaux Historiques et Scientifiques, 1992, p.159-172.

WARMINGTON, B. H. O período cartaginês. In: MOKHTAR, G. (Ed.) **História Geral da África**. v. 2: A África Antiga. São Paulo – Paris: Ática – Unesco, 1983, p.449-472.

WEBSTER, J.; COOPER, N. (Ed.) **Roman imperialism: post-colonial perspectives**. Leicester: School of Archaeological Studies, 1996.

Notas

¹ *Afer, Africa, Africanus* foram empregados somente em textos latinos. Ver: DECRET e FANTAR, 1998, p.20-25.

² Cartago foi uma colônia fundada pelos fenícios, provavelmente no século IX a. C., na região próxima à atual Túnis (capital da Tunísia). Cartago assumiu gradualmente a supremacia entre as cidades fenícias independentes da África do Norte, fundou numerosas colônias em solo africano e estendeu seu domínio por parte da Sicília, Sardenha, ilhas Baleares e Hispânia. Ver: WARMINGTON, 1983, p.449-472 e BUSTAMANTE, 2009, p.15-26.

³ Houve três Guerras Púnicas: a primeira ocorreu entre 264 a 241 a.C.; a seguinte entre 218 e 202 a.C.; e a última, entre 149 e 146 a.C. Ver: HARRIS, 1989; GAR-

RAFFONI, 2006, p.47-75; BUSTAMANTE, 2008, p.37-61.

⁴ Conflito entre Roma e Jugurta, filho ilegítimo de Massanissa, rei da Numídia (situada, atualmente, na Argélia). Em 118 a.C., após a morte de Micipsa (sucessor de Massanissa em 149 a.C.), Jugurta matou seus dois sobrinhos (Hiempsal e Aderbal) e passou a ser o senhor da Numídia (118-105 a.C.), tendo a proteção de Cipião Emiliano, com quem serviu na Numância, na Hispânia (133 a.C.), e de um amplo círculo de relações no Senado romano. Porém, em 112 a.C., o massacre de cidadãos romanos em Cirta levou Roma a lhe declarar guerra. Jugurta resistiu até 105 a.C., quando Mário assumiu o comando da campanha. Ele foi executado em Roma no ano seguinte (BOWDER, s/d., p.146).

⁵ Estudo ou descrição geográfica de um país, região, província ou município.

⁶ Salústio nasceu em Amiterno, na Itália Central. Juntou-se à facção dos *populares*. Foi tribuno da plebe em 52 a.C. Foi expulso do Senado em 50 a.C. por acusações relativas ao seu caráter, talvez, exageradas pelo rancor político (HARVEY, 1987, p.452).

⁷ Governador de províncias consulares da República Romana. Sob o Império, os procônsules eram os governadores das dez províncias senatoriais (LAMBOLEY, 1995, p.305).

⁸ Em 105 a.C., após a derrota de Jugurta, Roma colocou no trono númida outro membro da dinastia de Massinissa (antigo aliado númida dos romanos contra os cartagineses na Terceira Guerra Púnica), Gauda. Este foi sucedido por seu filho Hiempsal, que, após ser exilado durante algum tempo (88 a. C. a 83 a. C.) por seu irmão Hierbas, reinou até 60 a.C. Hiempsal foi o autor de um livro sobre a África, escrito em língua púnica (RAVEN, 1984, p.56).

⁹ Devido à sua má conduta no governo da África, Salústio foi processado por extorsão em 45 a.C. Esta acusação foi anulada por César, mas forçou Salústio a abandonar a carreira política (BOWDER, s/d., p.230).

¹⁰ Salústio escreveu três tratados: **Guerra de Catilina** (*Bellum Catilinae*), **Guerra de Jugusta** (*Bellum Jugurthinum*) e **Histórias** (*Historiae*) do período entre 78 e 67 a.C. Desses escritos, sobreviveram os dois primeiros e fragmentos do terceiro (HARVEY, 1987, p.452-453).

¹¹ Tucídides (ap. 460-400 a.C.), historiador ateniense, escreveu **Guerra do Peloponeso** (431-404 a.C.), em que relata a guerra entre Atenas e Esparta, da qual participou. Seu estilo era conciso, direto e nítido. Buscava a imparcialidade e a verdade através da conexão causal entre eventos e da explicação racional. Entre as passagens e seções notáveis da obra, destacam-se a “Oração Fúnebre de Péricles” em homenagem aos atenienses mortos no primeiro ano da guerra (II, 35-46), o relato da peste em Atenas (II, 47-54), o “Diálogo de Mélio” (V, 85-113) e a expedição à Sicília (VI e VII) (HARVEY, 1987, p.504-505).

¹² Conjunto de *nobiles* (nobres), isto é, cidadãos cujo um ancestral exerceu uma magistratura curul (cargo que dava direito à cadeira curul e a portar a toga pretexta, toga bordada com uma estreita faixa púrpura). A aristocracia romana era, de fato, uma nobreza de função (LAMBOLEY, 1995, p.263).

¹³ POMPÔNIO MELA. *Corografia* II, 62; III, 18; III, 23; III, 49. Silberman (1988, p.XIII), na introdução da edição francesa da obra de Pompônio Mela, fez um cuidadoso estudo sobre as passagens do livro que permitem elucidar a sua data de composição e concluiu: “A *Corografia* teria sido, então, em parte pelo menos, redigida entre fins de 43 e início de 44, o que não impede de pensar, com Bursiani, que o autor tenha começado mais cedo a redação de sua obra”.

¹⁴ A documentação confirma esta situação, ver e.g.: ACTES DE LA CONFÉRENCE DE CARTHAGE EN 411 I, 4; LACTÂNCIO. *Da morte dos perseguidores VIII; EXPOSITIO TOTIUS MUNDI LXI*. Entretanto, Mahjoubi (1983, p.491-492) contesta este mito alegando que “a África era o celeiro de Roma porque, vencida, era obrigada a fornecer ao vencedor o seu trigo a título de tributo” e cita os estudos do geógrafo Despois (*Apud MAHJOUBI*, 1983, p.491) para apoiá-lo. É um tema polêmico para a historiografia. Ver: LEPELLEY, 1979, p.29-36.

¹⁵ Sistema extensivo declusas e cisternas de água de chuva. Para maiores detalhes, ver: GREENE, 1986, p.129-130.

¹⁶ SALÚSTIO. *Guerra de Jugurta XVIII*: “Pouco a pouco, por casamentos, [os persas] se misturaram com os gétulos e, como sempre estavam experimentando novos campos e passando de um lugar para outro, deram-se a si próprios o nome de nômades”.

¹⁷ Historiador grego (484 a.C.-420 a.C.), considerado precursor dos historiadores, foi autor da primeira grande narrativa histórica do mundo ocidental antigo. Nasceu, provavelmente, em Halicarnasso, cidade grega da Ásia Menor, hoje Bodrum (Turquia). Viajou e conheceu Egito, Líbia, Síria, Babilônia, Lídia e Frígia. Participou da fundação de Túrio, colônia grega no sul da Itália (443 a.C.). Escreveu *Historiái* (*Histórias*), em que relata as Guerras Médicas, entre gregos e persas (medos). Ver: HARVEY, 1987, p.269-270.

¹⁸ Emprega-se aqui o termo “alienígena” na sua acepção de “que, ou quem é de outro país; estrangeiro. (...) [Antôn.: *indígena*.]” (FERREIRA, 2010).

¹⁹ Os povos, especificados entre colchetes, foram descritos em passagens anteriores de Heródoto (*História* IV, 168-196), em que apresentou os seus nomes, os limites territoriais do seu *habitat* e algumas de suas crenças, de seus costumes e um pouco da sua vida social.

²⁰ Ver a clássica obra de BOISSIER, 1901, p.6-9. Entretanto, o termo genérico bérbere também foi empregado por autores mais modernos como KADDACHE e BE-

NACHENHOU *Apud*: LAMIRANDE, 1976, p.5-23; GAID, 1972, p.56, 104 e 119.

²¹ 350 cientistas foram coordenados por um comitê formado por 39 especialistas, dois terços deles africanos. No Brasil, a obra foi publicada em 1983, numa parceria entre a Editora Ática e a UNESCO.

²² Toda a coleção, em seus oito volumes, está disponível em http://www.dominio-publico.gov.br/pesquisa/ResultadoPesquisaObraForm.do?first=50&skip=0&ds_titulo=&co_autor=&no_autor=&co_categoria=132&pagina=1&select_action=Submit&co_midia=2&co_obra=&co_idioma=&colunaOrdenar=DS_TITULO&ordem=null, por iniciativa do governo brasileiro, que a colocou sob domínio público em 2010, objetivando fornecer uma importante referência no campo dos estudos africanos.

²³ Salústio (**Guerra de Jugurta XVIII**) a descreve como “oblongas, de cobertura com os lados recurvos, são como cascos de navios”.